TL5088-2

TIMOR – O FIM DA ODISSEIA

Não conheço Timor, embora tenha a cabeça povoada dos seus ecos e da sua estonteante beleza, exaltada em longas conversas nostálgicas dos que por lá passaram, trazendo os olhos cheios dela e também muita amargura pelo desamparo de um povo, apesar de tudo, insistentemente fraterno.

Essa culpa secular foi agora um pouco resgatada pela solidariedade comovida da nossa gente. A força e amplitude que ganhou uma tal tomada de consciência, mais do que essa reparação moral, foi o brotar de um sentimento colectivo de rara coesão que nos impele à participação nas tarefas de levantamento da nação timorense.

A situação a que se chegou parece um absurdo, se não tivermos em conta o mundo traiçoeiro e equívoco em que nos movemos.

Maquiavel, entre outros, deu-nos a conhecer os meandros do pensamento estra-tégico que visa a conquista e a manutenção do poder. A sua aplicação ao nível da geo-estratégia e da geopolítica traduz-se quase sempre pelo primado do pragmatismo sobre os princípios.

Quem decide é sempre influenciado ou manietado por teorias e estudos dessá pseudo-ciência perversa, válida consoante os interesses que se defendem, uma espécie de banha da cobra que dá para tudo. A experiência mostra que uma condução ética nesta matéria é rara, havendo sempre homens dispostos ao exercício de tais malabarismos sob falsas isenções e capas institucionais de aparência muito respeitável. Infelizmente, os militares são muito assíduos nessas instâncias, onde aparecem ligados às políticas menos escrupulosas.

O vasto e recente apoio a Timor parece fugir à regra e pode induzir em erro, fazendo pensar que o direito do seu povo foi a razão do sucesso à vista. Se assim fosse, não haveria tantos povos oprimidos por esse mundo fora. Em boa verdade, tudo decorreu de uma brava luta assente em raízes culturais consistentes, com ajuda da nossa acção política e diplomática, persistente, hábil, a qual suscitou apoios pessoais ou congregados que se foram adensando um pouco por todo o lado.

O quase-milagre deu-se. A comunicação social e as opiniões públicas foram saindo da inércia, a onda foi crescendo, as orientações políticas meteram-se a cavalo dela, finalmente, vieram os golpes de rins. Foi chocante o oportunismo da Austrália, todavia, muito útil. Foi notório o desconforto dos EUA para um apoio que era essencial. Foi penosa a reticência do Vaticano para fazer valer Timor como uma Eslovénia ou uma Croácia. Embora compreenda alguns agradecimentos de circunstância, não deixa de ser irónico vê-los agora dirigidos a estas Potências tão esquivas.

Além dos Indonésios, duas figuras mundiais de topo saíram desta peleja bastante chamuscadas: Clinton, que Ximenes Belo muito bem vulgarizou como "patrão do mundo", impiedosamente apressado contra o Iraque e a ex-jugoslávia, meigamente cauteloso com a Indonésia; João Paulo II, pastor espiritual que não esteve à altura de um rebanho exemplar.

Apesar de tudo, não sejamos severos em demasia com essas pessoas. Elas limitam-se a dar expressão às estruturas do topo das pirâmides em que se colocaram. Um Pentágono ou uma Cúria são entidades incontornáveis, com o seu lado sinistro, porque trabalham com grande afã e espírito de missão para dominarem o mundo, ou porque se julgam melhores, ou porque se julgam possuidoras da Verdade. Esta é a raiz dos problemas – foi sempre – e é contra ela que teremos de lutar, começando por vencer a nossa desatenção e indiferença, quem sabe se cumplicidade. Dito de outra maneira e no pensamento de Hans Kung, a uma sociedade que se diz global, falta a ética correspondente.

Sendo assim, não admira que essas instâncias, outras chancelarias e redes de interesses, apareçam tarde e a más horas, que as "transigências" com a Indonésia sejam evidentes, que o Pentágono não queira desfeitear um Exército que alimentou zelosamente, que o cinismo seja a regra, nomeadamente, quando se imputam todas as culpas à ONU e à chamada Comunidade Internacional, assim se escondendo responsabilidades mais concretas.

O que se passou em Timor não é inédito. Em Angola houve o mesmo desrespeito pelos resultados de uma votação reconhecida como válida e a reacção internacional, dirigida pela grande batuta americana, não fez recuar o prevaricador. Muitos se movimentaram até num sentido hipócrita de neutralidade, como se, quem tentou roubar o bolo ao dono, ainda tivesse direito a metade. Esta argumentação fundamental foi desviada para os desmandos das partes, como muito bem acentua o insuspeito e lúcido Frei Bento Domingues, enquanto Jofre Justino, homem que estimo e considero, um dos que poderiam ter ajudado à constituição do espírito democrático, da tomada do poder por essa via, se empenha na defesa de justificações para caminhos belicistas.

Neste caso, as opiniões públicas, a comunicação social e as diplomacias não se mobilizaram como deviam, os diamantes, as armas clandestinas, alimentararam as bolsas dos traficantes e a economia mundial. Os mortos, os mutilados, todo o cortejo de adversidades, acontecem diariamente perante a nossa indiferença e o posicionamento calculista dos dirigentes mundiais, após uma intervenção fraca, mal apoiada e até controversa, da ONU.

Nunca será demais sublinhar que estas nossas ex-colónias tiveram eleições legitimadoras, o que não aconteceu, que me lembre, nos outros casos de intervenção internacional.

Mesmo agora, ainda há quem apareça a falar do futuro de Timor como se fosse possível e legítima a imparcialidade entre as partes. Fiquei assarapantado com algumas considerações do Garcia Leandro e com a sua preocupação de colocar as FALINTIL no mesmo pé das Milícias para o desarmamento.

Os primeiros passos da INTERFET, desse ponto de vista e na sua conduta inicial, também foram pouco promissores. O Comandante da Força falava em facções, não parecia muito virado para aceitar as FALINTIL na sua manobra e as milícias iam em paz, meio desarmadas, num processo que metia todos na mesma panela. Acredito que isso tenha sido corrigido, porque o êxito da missão também depende do contributo daqueles que estão imersos na população e no terreno, como peixes na água...

De qualquer modo e apesar das consabidas dificuldades de integrar guerrilheiros na legalidade institucional, o perigo de assepsia despropositada sobre o coração e a alma da independência deve ser combatido,

COMUNICA

A Associação 25 de Abril, em perfeita si
Português, manifesta a sua solidariedade com o

Os valores sagrados que levaram os milit
Liberdade, a Democracia, o direito dos povos
premeditada, cobarde e deliberadamente vio
areópagos internacionais, tão prontos a resp
continuam a protelar qualquer decisão que p
nalguns casos na esperança que o problema
extinção pura e simples, qual "solução final" p

A Associação 25 de Abril apela a todos os P
que a causa timorense seja menos conhecida
esclareçam as comunidades em que estão inse
claros interesses que têm levado ao esmagamen

Tudo o que os timorenses pretendem é existir
religião, enfim dispor de si próprio e traçar o
timorenses da forma mais clara, mais particip
forma tal que deixou o que pode ser cons
Humanidade, causando mesmo admiração a ní

Deixar esmagar a notável conquista democr
do caos sobre a Ordem, do genocídio sobre os
Democracia. Nenhum considerando falacio
invocado para legitimar o assassinar de um p
interesses económicos.

Estamos pois com o Povo de Timor-Loro
exemplarmente expressa; com a Ordem interna
Viva o Povo Mártir de Timor-Lorosae!

tanto mais que, no Kosovo, a força multinacional se fez acompanhar do UCK cuja génese é bem menos límpida. O respeito pelo povo de Timor, pela sua decisão e pelos que a tornaram possível, também passa por aí, pela participação nas tarefas de restabelecimento da liberdade e da segurança. Não foi isso que se fez com as forças de resistência ao nazismo?

Não só pelas razões já ditas, confesso que me entusiasmou pouco a conduta operacional da INTERFET, mas também não será precisa a Cavalaria do Ricardo Durão para vir dar lições de manobra, menos ainda da actuação táctica mais comezinha, como seja a segurança imediata e próxima de um objectivo, as formas de progressão apeada e de ocupação, etc., num tipo de missões para as quais, em boa verdade, talvez tenhamos quadros melhor vocacionados.

Não foi só a Cavalaria a aproveitar a situação para se por em bicos de pé corporativos. De um modo geral as Forças Armadas, como lhes competia, deram ênfase ao seu papel e aos seus méritos, embora alguns apelos dos paladinos de meios sofisticados pecassem por oportunistas. Houve até quem falasse em submarinos para o bloqueio naval de Timor.

Outros apelos foram mais épicos e de ressonância imperial, quase na esteira da esbaforida senhora que gritava na televisão por um "Timor é nosso". Ora, se a participação de Portugal nesta fase das operações é justificada e necessária, ela também deve ser contida nas proporções e em limites temporais aceitáveis, como ainda, num espírito despido de qualquer veleidade nacionalista.

Quando falo no fim da odisseia, faço-o em duplo sentido, na esperança de que termine aquela que está a ser vivida no território e também no encerramento definitivo da que iniciamos em 1415 com a tomada de Ceuta. Não vale a pena pensarmos em mais situações que, na qualidade de portugueses e de militares, nos obriguem a estar presentes, seja onde for. Como cidadãos da Europa e do mundo, talvez.

Não digo o mesmo de certos apoios militares que me parecem muito mais importantes. A meu ver, os estabelecimentos de ensino militar já deveriam estar a trabalhar na formação de quadros timorenses, do que não tenho notícia. Que se organizem com toda a urgência para serem ministrados cursos acelerados de formação e aperfeiçoamento, dos três Ramos e das Forças de Segurança, a jovens seleccionados ou quadros das FALINTIL, planeando para o futuro a sua inclusão em cursos de regime normal.

O apoio da engenharia militar e de transmissões, como ainda a manutenção de uma ligação aérea regular da Força Aérea, parecem-me das mais evidentes formas de cooperação em complemento dos apoios civis humanitários e de reconstrução que devem constituir o grande objectivo de longo prazo a que nos devemos obrigar.

Neste perpassar breve sobre a problemática timorense, não quero omitir alguns sinais inquietantes, isto, sem falar do claríssimo conflito com as Milícias e das ameaças de extensão aos dois Timores.

Um deles, já comentado entre nós, diz respeito ao risco de excessiva contaminação do político pelo religioso. Apesar do enorme respeito que merecem a Igreja timorense e os seus dignitários, convém tomar precauções nessa matéria e talvez seja de confiar mais no bom senso dos bispos timorenses do que em alguns impulsos exteriores. Também confio na perspicácia de Xanana Gusmão que já demonstrou a serenidade necessária e estatura para isso.

O jogo dos tais malabarismos geoestratégicos não vai acabar. A competição entre os dois gigantes regionais acentua-se. O preconceito com as velhas fronteiras coloniais começa a mostrar-se caduco e a suscitar problemas na própria Indonésia. As outras Potências exteriores preparam os seus realinhamentos. O coração dos EUA tem razões para balançar muito nesta ondulação e é também nela que os interesses "Lorosae" irão ser geridos.

Os comportamentos desviados e iníquos do exército indonésio repugnam à consciência de qualquer cidadão comum. À de um militar, junta-se o enorme desconforto de os ver contribuir para o já longo rol de atentados da sua ordem profissional aos mais elementares direitos humanos, por todo o mundo.

Dentro e fora da Instituição militar, muitos de nós se habituaram a reflectir nas perversidades da guerra e no fio de navalha que separa a violência inevitável, da impiedosa e dos caminhos do horror, tão bem retratados por Coppola no Apocalypse Now.

Nenhum povo poderá dizer que não bebeu destas águas e, por isso, também é tempo de ver com outros olhos os "diabos indonésios".

Para o fazer, não haverá melhor maneira do que metermos a mão na consciência do nosso passado colonial mais recente.

Os "ultras" indonésios, generais, políticos, nacionalistas, não serão piores do que os nossos quando defendiam, intransigentemente, um Portugal do Minho a Timor, quimera bem mais absurda.

Também nós formamos milícias nas três guerras coloniais, de grande capacidade bélica e bastante impiedade para os seus irmãos de sangue nos trabalhos sujos em que os envolviam.

Alguns acontecimentos, nomeadamente, as represálias dos colonos nos muceques de Luanda e de militares nas primeiras reocupações, foram tão intoleráveis como os de Dili. Cinco meses depois ainda se viam cabeças espetadas em paus e orelhas penduradas em cintos. Mesmo mais tarde, os massacres e algumas execuções não estiveram ausentes das campanhas, como todos sabemos.

Não quero passar por santo e bastará lembrar-me que tardei em aceitar as vias da independência, desejando por muitos anos a via das autonomias, afinal, a mesma que a Indonésia já anda a trilhar.

Nos que saíram para a rua a clamar por Timor, quantos vilipendiaram as descolonizações porque não fizemos o que os indonésios ali tentaram?

Bateu-se bastante na tecla do exemplo dado ao mundo por um povo tão humilde, o que é de toda a justiça realçar. Todavia, nem todos terão tirado as devidas ilações e ensinamentos. Ficou bem à vista a força que a autenticidade cultural confere, capaz de resistir às maiores arbitrariedades, violências e desproporção de meios.

Engana-se, quem pensa que a defesa de uma pequena nação, no mundo actual, se faz à custa de aparelhos militares, descurando os processos de coesão e de conservação da identidade, como também se engana, quem pensa que a avalanche globalizante arrasa os arquétipos mais fundos e estruturantes das vontades nacionais.

Foi este o grande trunfo dos timorenses e aí reside a mais segura esperança da humanidade para se furtar a futuras tiranias.

José Cardoso Fontão

ADO DA A25A

ntonia com os genuínos sentimentos do Povo Povo Mártir de Timor-Lorosae.
ares a preparar e executar o 25 de Abril – a à sua Identidade e Autodeterminação – foram lados em Timor-Lorosae, enquanto os vários nder noutras circunstâncias e noutros locais. ssa ser útil, por atempada e consistente, talvez se resolva "biológicamente", pela deportação e ra o martirizado povo timorense.
rtugueses, sobretudo os radicados em países em a que se manifestem, se insurjam, enfim que idos sobre as verdadeiras dimensões e os menos o sistemático do Povo de Timor-Lorosae.
– e existir é ter a sua cultura, a sua língua, a sua seu destino; e essa vontade manifestaram-na os da, mais democrática, através do referendo, de iderado um marco na evolução pacífica da el mundial.
ítica de Timor-Lorosae é reconhecer o primado Direitos Humanos, da violência brutal sobre a so de ordem política ou estratégica pode ser ovo; e ainda menos sórdidos considerandos de

ae, tão martirizado; com a democracia, tão ional, tão despudoradamente escarnecida.